

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS NO ENSINO FUNDAMENTAL I: POR UMA ESCOLA QUE ACOLHE A DIVERSIDADE

Sonali Duarte Jerônimo de Sousa¹
Fabíola Jerônimo Duarte de Lira²

RESUMO

Este artigo apresenta uma experiência pedagógica com enfoque antirracista, desenvolvida com uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental I, em uma escola pública localizada em uma comunidade periférica. A proposta integrou uma sequência didática estruturada a partir da leitura do livro *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França, com o intuito de fomentar reflexões sobre identidade, pertencimento e igualdade racial. A iniciativa dialoga com os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente no que se refere aos direitos de aprendizagem e desenvolvimento na infância, e evidencia o papel do professor como agente na construção de práticas pedagógicas comprometidas com a equidade racial. Os resultados da experiência indicam que ações pedagógicas intencionais no cotidiano escolar contribuem de forma significativa para a formação de uma consciência crítica e cidadã desde os anos iniciais da educação básica.

Palavras-chave: Educação antirracista; infância; literatura infantil.

1 Introdução

O racismo estrutural é uma realidade histórica e persistente na sociedade brasileira, cujas raízes remontam ao período colonial e à escravização de povos africanos. Suas marcas atravessam séculos e se manifestam de forma contundente em diferentes esferas sociais, inclusive na escola (Munanga, 2005). As instituições educacionais, longe de estarem imunes, reproduzem desigualdades raciais, seja por meio de práticas discriminatórias explícitas, seja pela ausência de representatividade e valorização da cultura afro-brasileira nos currículos e materiais didáticos (Duarte, 2023).

Crianças negras, desde os primeiros anos do Ensino Fundamental, vivenciam experiências que impactam negativamente seu percurso escolar. Muitas vezes, deparam-se com a falta de referências positivas em livros e narrativas, com piadas racistas

¹ Especialista em Estudos sobre a Linguagem: Teoria e Ensino (ESTEIO) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); sonaly_med@yahoo.com.br;

² Doutoranda em Linguística pelo Proling/Universidade Federal da Paraíba-PB (UFPB), fabiolamf@hotmail.com.



naturalizadas entre colegas e, em alguns casos, até mesmo com o silenciamento de suas histórias por parte de educadores. Essas situações podem comprometer não apenas o rendimento acadêmico, mas também a autoestima e a construção da identidade, fragilizando o sentido de pertencimento à escola (Munanga, 2005; Oliveira, 2011).

Diante desse cenário, este artigo assume o compromisso ético e político de refletir sobre práticas pedagógicas antirracistas na escola básica. Para tanto, expõe-se uma experiência didática desenvolvida em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental I, em uma escola pública da periferia urbana, tendo como eixo a leitura da obra *O Pequeno Príncipe Preto* (França, 2018), que aparece na Figura 1.

Figura 1 – Capa do livro “O pequeno príncipe preto”



Fonte: Google (2025).

O trabalho pedagógico com a literatura infantil é aqui compreendido como ferramenta potente de valorização identitária e de formação crítica, capaz de contribuir para a construção de uma educação que não apenas reconheça a diversidade, mas que a



coloque no centro da prática pedagógica.

2 Fundamentação Teórica – O Racismo na Escola e o Papel da Literatura

O racismo no Brasil possui raízes históricas profundas, estruturadas a partir do período colonial e do longo processo de escravização de africanos e seus descendentes. Esse sistema de exclusão e hierarquização racial não foi superado com a abolição formal da escravidão em 1888, permanecendo vivo nas práticas sociais, nas relações de poder e nas instituições. Como destaca Munanga (2005), o racismo deve ser compreendido não apenas como atitudes individuais preconceituosas, mas como um fenômeno estrutural que organiza oportunidades, distribui privilégios e legitima desigualdades.

A escola, enquanto instituição social, não está imune a essas dinâmicas. Pelo contrário, ela pode reproduzir e naturalizar práticas racistas, seja pela ausência de representatividade positiva da população negra nos currículos, seja por episódios explícitos de discriminação sofridos pelos estudantes. Cavalleiro (2001) evidencia que o racismo na escola infantiliza e marginaliza crianças negras, minando sua autoestima e comprometendo seu desempenho acadêmico. Em muitos casos, a ausência de referências positivas em livros, histórias e imagens contribui para a construção de uma autoimagem negativa, além de reforçar estereótipos já presentes no imaginário social.

Nesse cenário, a Lei 10.639/03 representou um marco ao alterar a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e tornar obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. Contudo, como alerta Munanga (2005), o cumprimento legal não garante, por si só, a transformação das práticas pedagógicas: é preciso compromisso político e pedagógico com a desconstrução do racismo estrutural. Ainda hoje, muitas escolas limitam-se a realizar atividades pontuais durante a Semana da Consciência Negra, sem garantir a transversalidade das relações étnico-raciais ao longo do ano letivo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) reforça a necessidade de reconhecimento e valorização da diversidade como direito de aprendizagem e desenvolvimento, entendendo-a como constitutiva das identidades e das interações sociais. Essa diretriz chama atenção para a urgência de práticas pedagógicas comprometidas com a equidade e a justiça social desde a infância. Contudo, sua efetivação depende da formação docente e da intencionalidade pedagógica.

Nilma Lino Gomes (2005) enfatiza que a escola é atravessada pelo racismo



estrutural e que a formação de professores precisa, necessariamente, incluir a discussão sobre relações étnico-raciais. Para ela, não basta ensinar conteúdos; é preciso desenvolver uma pedagogia antirracista que fortaleça a identidade negra, desnaturalize estereótipos e desconstrua o mito da democracia racial. Nessa mesma direção, Silvério (2002) defende que o currículo deve ser compreendido como espaço de disputa, onde se decide quais vozes e histórias serão legitimadas. O autor argumenta que construir uma pedagogia antirracista implica incluir as narrativas, saberes e produções culturais afro-brasileiras e africanas como parte constitutiva do conhecimento escolar, rompendo com a lógica monocultural eurocêntrica que historicamente orientou a educação brasileira.

É nesse ponto que a literatura infantil adquire papel central. Para Cuti (2006), a presença de personagens negros nas narrativas literárias infantis é essencial para a construção da autoestima das crianças negras e para o combate a estereótipos que ainda circulam no imaginário social. A literatura não é apenas entretenimento, mas uma prática cultural e pedagógica que contribui para a formação de identidades, para o exercício da empatia e para o reconhecimento das diferenças. Nesse sentido, oferecer às crianças negras personagens positivos, protagonistas de histórias de afeto, inteligência e potência, significa romper com imagens históricas de subalternidade.

A obra *O Pequeno Príncipe Preto* (França, 2018) exemplifica esse movimento de ressignificação. Ao recriar o clássico europeu colocando uma criança negra como protagonista, a narrativa subverte o imaginário hegemônico e afirma a beleza e a dignidade da negritude. O personagem é apresentado como portador de sabedoria e como alguém que traz em si valores ancestrais africanos, convidando os leitores a ampliarem sua visão de mundo. Quando o autor afirma que “ser preto é ser galáxia”, oferece às crianças negras a possibilidade de se verem como sujeitos grandiosos e infinitos, ao mesmo tempo em que educa crianças não negras para o respeito, a empatia e a valorização da diversidade.

Desse modo, ao mesmo tempo em que a escola pode reproduzir desigualdades, ela também pode ser espaço de resistência e transformação. O desafio está em construir práticas pedagógicas intencionais, fundamentadas teoricamente e comprometidas politicamente com a superação do racismo estrutural. A literatura infantil, quando trabalhada de forma crítica e contextualizada, torna-se uma ferramenta poderosa para a democratização da escola, para o fortalecimento das identidades negras e para a formação



de cidadãos críticos e sensíveis à diversidade.

3 Contextualização da Sequência Didática

A escolha da obra literária *O Pequeno Príncipe Preto* (França, 2018) para a sequência didática não foi casual. A narrativa insere protagonistas negros em situações de afeto, sabedoria e dignidade, rompendo estereótipos históricos e oferecendo às crianças afrodescendentes representatividade positiva. Obras desse tipo contribuem para a ressignificação da infância negra, oferecendo aos alunos modelos de identificação que promovem autoestima, reconhecimento cultural e valorização da própria história.

No contexto escolar, essa obra cumpre função pedagógica e política: além de desenvolver habilidades de leitura, escrita e interpretação, ela amplia repertórios culturais, fortalece a identidade dos estudantes e fomenta a consciência sobre desigualdades raciais. O planejamento da sequência didática buscou integrar leitura, produção artística e reflexão social, articulando experiência estética e reflexão crítica sobre questões de raça e pertencimento.

A turma, composta por 30 alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I, foi escolhida por seu potencial de engajamento e por representar, majoritariamente, crianças autodeclaradas pretas ou pardas, que frequentemente experienciam situações de invisibilidade cultural. Além disso, muitos docentes da escola não possuíam formação específica sobre relações étnico-raciais, o que evidenciou a necessidade de envolver professores no processo e fortalecer práticas educativas antirracistas.

3.1 Sequência Didática

A sequência foi estruturada em cinco etapas, permitindo que os estudantes construíssem sentidos progressivamente a partir da obra e da reflexão sobre a diversidade racial.

- Aula 1 – Sensibilização e leitura inicial

O primeiro encontro teve como objetivo sensibilizar os alunos para a temática racial e criar um espaço de escuta atenta. Antes da leitura, realizou-se uma roda de conversa em que os estudantes compartilharam percepções sobre diversidade, respeito e experiências de exclusão ou discriminação que já haviam vivenciado ou observado. Em seguida, a obra foi apresentada sem revelar o título, apenas com a capa, para estimular



a curiosidade e o olhar crítico. Perguntas como “Quem vocês acham que é esse personagem?” e “Como vocês acham que ele vive sua vida?” provocaram antecipações e discussões iniciais, fomentando o engajamento e a reflexão sobre representatividade.

- Aula 2 – Produção artística: "Quem sou eu?"

Inspirados pela frase central do livro, “ser preto é ser galáxia” (FRANÇA, 2018, p. 15), os alunos produziram autorretratos utilizando papel preto e giz pastel colorido. A proposta estimulou que expressassem suas características físicas, preferências pessoais e aspectos da identidade que valorizam. Após o desenho, cada estudante escreveu um pequeno texto: “Eu sou... Gosto de... Tenho orgulho de...”. Essa atividade articulou expressão visual e escrita, reforçando autoestima, identidade e respeito mútuo entre os colegas, ao reconhecer e valorizar diferentes histórias de vida e aparências.

- Aula 3 – Apresentação e partilha

Cada aluno apresentou seu autorretrato e seu texto para a turma. A experiência permitiu que todos compartilhassem narrativas pessoais, fortalecendo a oralidade, a confiança e a percepção de pertencimento. Além disso, os relatos revelaram a diversidade de vivências e histórias familiares, estimulando empatia e compreensão das múltiplas formas de se viver a infância negra e periférica.

- Aula 4 – Mural coletivo: "Todos importam"

Os trabalhos individuais foram reunidos em um mural no corredor da escola. Com tecidos, colagens e frases extraídas do livro, a professora estimulou os alunos a criar um espaço coletivo que celebrasse a diversidade, o respeito e a representatividade negra. Esse mural tornou-se referência visível de valorização da identidade de cada estudante e da importância da literatura na construção de autoestima e pertencimento.

A implementação da sequência didática com *O Pequeno Príncipe Preto* revelou impactos significativos em diversas dimensões do processo educativo. Primeiramente, observou-se uma clara valorização da identidade e autoestima dos alunos. Crianças negras, que frequentemente vivenciam situações de invisibilidade e preconceito,



passaram a reconhecer sua própria beleza e história. A atividade de autorretrato e a produção de textos individuais permitiram que cada estudante se expressasse de maneira autêntica, afirmando características físicas, gostos pessoais e aspectos culturais. Essa prática evidenciou o potencial transformador da literatura infantil com protagonismo negro, pois a obra funcionou como espelho de representatividade e ferramenta de fortalecimento identitário.

Além disso, o projeto favoreceu o desenvolvimento da consciência racial entre todos os estudantes. O diálogo em torno do livro, articulado com rodas de conversa e debates, possibilitou a percepção de desigualdades históricas e contemporâneas relacionadas à raça. As crianças compreenderam, de forma concreta e afetiva, que o racismo não é apenas um fenômeno social distante, mas algo que pode se manifestar de diversas formas no cotidiano, inclusive em contextos escolares. Essa tomada de consciência contribuiu para a construção de uma perspectiva crítica desde os anos iniciais, essencial para a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com a justiça social.

O engajamento e a empatia também se mostraram resultados relevantes. O compartilhamento de autorretratos e textos no espaço coletivo permitiu que os alunos se sensibilizassem pelas experiências dos colegas, valorizando histórias diversas e cultivando o respeito à diferença. A socialização das narrativas mostrou-se um momento de aprendizado social, no qual a escuta ativa e a troca de experiências fortaleceram vínculos e promoveram um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor.

Ademais, a dramatização da obra contribuiu para integrar diferentes linguagens – oral, corporal e artística – consolidando a aprendizagem de forma lúdica e significativa. Os alunos atuaram como protagonistas, assumindo papéis ativos no processo de criação e apresentação, o que reforçou o protagonismo estudantil e a sensação de pertencimento à comunidade escolar. O impacto da dramatização foi ampliado pelo envolvimento da escola como um todo, incluindo professores de outras turmas e a participação da comunidade escolar, evidenciando o potencial de práticas pedagógicas integradoras e coletivas.

Por fim, o projeto mostrou-se eficaz na articulação entre prática pedagógica e reflexão teórica. Ao relacionar experiências concretas de leitura, escrita e expressão artística com conceitos de representatividade e racismo estrutural, os alunos foram capazes de compreender de forma vivencial o significado da equidade racial, da



valorização da diversidade e da importância de uma educação antirracista desde os primeiros anos escolares.

4. Considerações Finais

A sequência didática desenvolvida com base em *O Pequeno Príncipe Preto* evidenciou que a literatura infantil pode ser uma ferramenta potente para a construção de práticas educativas antirracistas, capazes de promover representatividade, autoestima e reflexão crítica. Ao longo do processo, observou-se que a inserção de protagonistas negros em narrativas escolares favorece não apenas a identificação das crianças afrodescendentes, mas também a formação de alunos empáticos, conscientes da diversidade e atentos às desigualdades raciais presentes na sociedade.

A experiência demonstrou que a literatura infantil, quando mediada de maneira intencional e sensível pelo professor, é capaz de articular dimensões cognitivas, afetivas e sociais da aprendizagem. Atividades como leitura compartilhada, rodas de conversa, produção artística e dramatização permitiram que os estudantes se posicionassem como sujeitos ativos, refletindo sobre sua própria história, sobre o mundo à sua volta e sobre a importância do respeito à diversidade.

Além disso, a sequência didática evidenciou a necessidade de formação docente específica em relações étnico-raciais. Professores que compreendem o papel da literatura e da mediação pedagógica na construção de uma educação antirracista estão mais aptos a criar espaços inclusivos, sensíveis às necessidades emocionais e culturais dos alunos, e capazes de integrar conteúdos curriculares com práticas formativas significativas.

Portanto, a experiência aqui relatada reforça a importância de políticas e práticas educacionais que promovam representatividade, equidade e respeito à diversidade desde os anos iniciais da educação básica. Investir em literatura infantil com protagonismo negro e em estratégias pedagógicas intencionais constitui não apenas uma ação educativa, mas também um compromisso ético e social com a formação de cidadãos críticos, empáticos e conscientes de sua própria dignidade e da dignidade do outro.

Referências

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 31. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.



CUTI, Carlos. *Literatura e Diversidade: Representação Negra na Literatura Infantil*. São Paulo: Moderna, 2006.

DUARTE, Fabíola. *Leitura e semiótica: uma análise acerca dos marcadores sociais da diferença e imagens de controle em livros didáticos de língua portuguesa*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Ensino). UFPB, João Pessoa, 2023.

DOLZ, J.; NOVERAZ, M.; SCHNEUWLY, B. *A Didática e a Sequência Didática: Organização da Aprendizagem na Sala de Aula*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FRANÇA, Rodrigo. *O Pequeno Príncipe Preto*. 1. ed. São Paulo: Autêntica, 2018.

GOMES, Nilma Lino. *Por uma Educação Antirracista: identidade, currículo e formação docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a Educação Escolar: racismo e desigualdade*. São Paulo: Summus, 2005.

